



ABUSO SEXUAL: EFEITOS NO SUJEITO

Sexual abuse: Effects on the individual

Karoline Bones Dill¹

Marjorie Dariane da Silva Machado²

Luciane De Conti³

Resumo: No presente trabalho, discutimos sobre os efeitos da violência sexual na vida de uma menina integrante de um grupo familiar acompanhado em diferentes serviços da rede pública. Utilizamos a estratégia do estudo de caso segundo o método de pesquisa psicanalítica. Como dispositivo da proposta de pesquisa, adotamos a escuta sensível de duas das autoras responsáveis pelo atendimento a essa família. Nossa intenção é poder gerar reflexões acerca das questões que relacionam o abuso sexual à objetificação e à racialidade.

Palavras-chave: Psicanálise. Abuso sexual. Racialidade.

Abstract: In this study, we discuss the effects of sexual violence on the life of a girl who participates in a family group supported by various public services. We employed a case study strategy using the psychoanalytic research method. As a research proposal, we adopted the perspective of two of the authors responsible for assisting this family. What we aim to achieve is to generate reflections into issues that link sexual abuse to objectification and race.

Keywords: Psychoanalysis. Sexual abuse. Race.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O que compartilhamos como escrita neste texto está intimamente relacionado aos ecos do trabalho no campo das políticas públicas em uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul, situada na região do noroeste gaúcho, aproximadamente a 500 km de Porto Alegre. Nesse município, duas das autoras trabalharam, no ano de 2018, em diferentes tempos de formação em psicologia, sendo uma com vinculação acadêmica e outra já após a graduação, em diferentes políticas

¹ Psicóloga em consultório particular. E-mail: karolbonesd@gmail.com

² Psicóloga, mestranda do PPG Psicanálise: Clínica e Cultura (UFRGS). E-mail: marjorie.psiq@gmail.com

³ Docente do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e do PPG Psicanálise: Clínica e Cultura (UFRGS). E-mail: luciane.conti@ufrgs.br



públicas: saúde e assistência social, respectivamente. Os fragmentos da experiência dizem, especificamente, de suas passagens em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) e no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Gostaríamos de enfatizar que parte do caso que será abordado neste estudo já foi compartilhada em outra publicação⁴.

Pretendemos alinhar o recorte de um caso bastante complexo de violência intrafamiliar, caso que permanece ecoando em nossas memórias e gerando discussões clínicas e teóricas. Ressaltamos que para manter o sigilo dos sujeitos envolvidos no relato, foram escolhidos nomes fictícios. Além disso, essa escolha refere a transgeracionalidade da violência, em que os efeitos do abuso ficam pulverizados em todos da família. Sendo assim, de modo simbólico, escolhemos representar essa transgeracionalidade, o que se repete em diferentes idades do ser feminino, de diferentes formas, através dos nomes: Ana Beatriz (a mãe), Ana Sofia (a filha adolescente) e Ana Clara (filha com idade ainda condizente à infância). O caso em pauta engloba toda a família, porém, para este trabalho, escolhemos focar o olhar sobre os efeitos na vida de uma das filhas integrantes do grupo familiar em questão, Ana Sofia. Nossa intenção é poder contribuir a partir de nossas reflexões em torno das interrogações discutidas neste texto. Nossa proposta, no presente estudo, é abordar alguns dos possíveis efeitos na vida de sujeitos que passaram por violência sexual intrafamiliar, em que a objetificação do feminino entrelaçada a questões étnico-raciais se presentifica.

DO RELATO DOS FATOS: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Em uma noite qualquer, o genitor chegou em casa, de madrugada, alcoolizado. Trabalhava à noite em um frigorífico. Foi até o quarto das meninas. Ana

⁴ DE CONTI, Luciane *et al.* Situações de violência doméstica e sexual. In: TEIXEIRA, Leonia Cavalcante *et al.* (org.). **Destinos trágicos**: efeitos da violência doméstica para as filhas e os filhos. Curitiba: CRV, 2023. p. 63-80.



Clara estava acordada e, diante do que assistia, ficou calada, silenciada pelo horror. Paralisou. O homem (pai/padrasto), assustador, tapava com sua mão a boca de Ana Sofia, sua enteada, enquanto a despiu e a estuprou. Ana Beatriz, a mãe, dormia no quarto ao lado. Havia ingerido seus soníferos para dormir.

A violência vivida por Ana Sofia perpassa o corpo psíquico da irmã e da mãe, causando uma dor que se propaga pela família, afetando o irmão e a avó, adoecendo cada um/uma de uma forma diferente. Na obra “Psicologia de grupo e a análise do ego, Freud⁵ aborda a intersubjetividade, na qual destaca que o desenvolvimento de cada sujeito está entrelaçado com o de outros. A subjetividade da criança se constrói através da relação com objetos e afetos, através de experiências reais, simbólicas e imaginárias. Dessa forma, mostra-se possível uma transmissão psíquica de traços de subjetividade e de adoecimentos também, fenômeno de identificação imaginária. Para Kaes⁶, o inconsciente carrega a “marca” de outros sujeitos, que se manifesta na sua estrutura e nos seus conteúdos. Ou ainda, conforme disse Lacan⁷, “[...] o inconsciente é esse capítulo da minha história marcado por um branco ou ocupado por uma mentira; é o capítulo censurado”. A história de uma família, mesmo uma história não contada, talvez, principalmente uma história adivinhada ou silenciada, é passível de ser transmitida entre gerações e ser atualizada em vivências das novas gerações. Aquilo que se transmite é aquilo que não pode ser dito (vergonha, medo, decepção, luto).

O atendimento à Ana Sofia foi a pedido da mãe, aqui nomeada como Ana Beatriz: “Quem sabe ela conte pra você como foi que aconteceu”. A mãe só tinha escutado sobre a situação de violência sexual por meio da narrativa de Ana Clara,

⁵ FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e a análise do ego [1921]. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 18 v. p. 89-179.

⁶ KAES, René. Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. In: EIGUER, Alberto *et al.* (org.). **A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica**. São Paulo: Unimarco Editora, 1998. p. 5-19.

⁷ LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise [1953]. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 238-324. p. 260.



irmã mais nova que foi testemunha visual do abuso, de modo que a confiança de toda a violência estava nas palavras dela. Ana Sofia se recusava a falar a respeito. Ao se falar com ela sobre o ocorrido, mantinha-se em silêncio; quando lhe perguntavam sobre a escola e sobre as aulas, era possível ouvir sua voz. Ao brincarem com ela sobre as aulas de matemática também não serem as favoritas, ela sorria, no entanto não tangenciava a fala sobre o abuso.

Sabemos, pela narrativa de Ana Clara, que após o abuso a irmã segurou a sua mão com força e chorou, não buscou a mãe, mas se fechou sobre si mesma. Quando a mãe, Ana Beatriz, descobre o crime, vai com a filha até a delegacia e a hospitais, buscando ajuda, nessa movimentação as palavras são da mãe.

Quando elas chegam até a UBS, o pedido da mãe para que a estagiária de psicologia falasse com Ana Sofia ilustra essa posição, mas Ana Sofia não consegue contar. Assim como não conta na escola, e novamente quem assume essa fala é Ana Clara, sendo através da sua narrativa, que não cessa de se repetir buscando significantes para isso que presenciou, que a direção da escola se torna ciente sobre o ocorrido e intervém, entrando em contato com a coordenação municipal da mulher.

Como podemos perceber, Ana Sofia é quem menos se destaca como narradora de sua vivência marcada pela violência sexual, pois após ter sofrido o abuso, manteve-se calada e assumiu essa posição para si. A mãe só soube da violência por meio da irmã, Ana Clara, portadora das narrativas não verbalizadas por Ana Sofia, mas isso não basta. O silêncio de Ana Sofia falava de algo, era um silêncio gritante.

O abuso sexual de crianças e adolescentes deixa sequelas sérias a longo prazo, de acordo com Giffin⁸. Os casos mais sérios são os de abuso sexual cometidos por pais e padrastos, com contato genital. A autora aponta que as sequelas que perpassam os sujeitos são psicossomáticas, e incluem problemas crônicos, como dor

⁸ GIFFIN, Karen. Violência de gênero, sexualidade e saúde. **Cadernos de saúde pública**, Rio de Janeiro, v. 10, supl. 1, p. 146-155, 1994.



de cabeça, asma, dor pélvica, problemas ginecológicos e gastrointestinais, assim como danos pungentes na autoestima e na autoimagem. Também observou-se que os sujeitos tendem a ter menos capacidade de se proteger, menos consciência do seu valor e dos seus limites.

Após algum tempo, tem-se a informação de que Ana Sofia estava se automutilando, realizando cortes nos braços e coxas com uma lâmina. Por meio do *acting out*⁹ a adolescente fala sobre a sua dor, sem precisar dizer verbalmente; pelo fazer ela elucida a sua dor, as suas perdas e os seus medos.

O *acting out* se manifesta na necessidade de Ana Sofia nomear o ocorrido, de dar bordas ao excesso sofrido na carne, no corpo, de falar – embora não verbalmente –, pois estava inserida em uma família, em uma escola, em instituições que sabiam da violência que sofreu, espaços onde todos falavam sobre isso, de diversas posições, seus familiares, amigos, professores, profissionais de saúde, e ela era a única que não podia se narrar, que não encontrava espaço subjetivo para a sua fala, e sucumbe, assim, a outros meios de responder à sua angústia. Ana Sofia vivia uma angústia indizível e encontrava o seu desamparo de modo escancarado. Os cortes talvez aliviassem algo da angústia e da dor, ao mesmo tempo que lhe lembravam de que estava viva. De acordo com Lacan¹⁰, a angústia se manifesta quando não temos a falta do objeto que caracteriza o desejo, ou seja, quando a falta falta.

Lacan define o *acting-out* como um subir à cena do objeto, enquanto a passagem ao ato seria um deixar-se cair ou um sair de cena. A diferença entre os dois 'é que no segundo haveria um curto-circuito do objeto com o sujeito, sendo o sujeito' quem cai, enquanto no primeiro haveria uma subida à cena do objeto, mas agora endereçado ao Outro. Desse modo, Lacan irá

⁹ O termo remete à técnica psicanalítica e designa a maneira como um sujeito passa inconscientemente ao ato, fora ou dentro do tratamento psicanalítico, ao mesmo tempo para evitar a verbalização da lembrança recalcada e para se furtar à transferência. No Brasil também se usa "atuação". ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

¹⁰ LACAN, Jacques. **O seminário, livro 10: a angústia [1962-1963]**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.



dizer que o acting-out é uma transferência selvagem e que cabe ao analista, mediante seu ato, restituir ao objeto o seu lugar de causa de desejo.¹¹

Não restam dúvidas sobre os registros de brutalidades acerca do caso aqui compartilhado. Cada vez que ele é apresentado em contexto de grupo de pesquisa e congressos, há comentários que abordam o significante brutal como algo que fica dessa transmissão da experiência de escuta. Conforme Cromberg¹², “em qualquer das formas que a fantasia perversa se realize, [...] está presente a hostilidade, a vingança, o triunfo e a desumanização do objeto”. Vemos tais atitudes como o processo que materializa o brutal do abuso sexual e potencializador do traumático infantil. Para a criança, o ato sexual assume o significado da crueldade inerente à sexualidade, e não apenas como um ato praticado por um homem brutal. Segundo Cromberg¹³, ele se torna um evento traumático intrusivo e agressivo, incapaz de encontrar formas de ser compreendido, processado, transcrito ou representado no psiquismo da criança.

O trauma deixa marcas irrepresentáveis gravadas no corpo. Seu impacto insuportável fragmenta ou divide o ego da criança, isolando o evento e a dor associada a ele. Ferenczi¹⁴ aponta que existem aspectos que se repetem nas crianças que sofreram abuso sexual. De modo incipiente, a criança apresenta uma repulsa violenta ao agressor. Em seguida, demonstra o medo que a fragiliza quanto a defesas físicas e emocionais, o que pode levá-la a um forte silenciamento, algo como uma posição objetalizada, sem voz. Sucede a esses comportamentos a identificação com o agressor; posteriormente, a identificação busca encontrar meios de defesa e culmina na instalação da confusão de línguas que permeiam o adulto e a criança. A criança

¹¹ CALAZAN, Roberto; BASTOS, Angélica. Passagem ao ato e *acting-out*: duas respostas subjetivas. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 22, n. 2, p. 245-256, ago. 2010. p. 248.

¹² CROMBERG, Renata Udler. Violência, pedofilia, incesto: o mal-estar na atualidade. In: FRANÇA, Cassandra Pereira (org.). **Perversão: as engrenagens da violência sexual infanto-juvenil**. Rio de Janeiro: Imago, 2010. p. 25-38. p. 36.

¹³ CROMBERG, 2010.

¹⁴ FERENCZI, Sándor. Confusão de língua entre os adultos e a criança [1933]. In: FERENCZI, S. **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 111-121.



introjeta aquele que a agride e, ao mesmo tempo, sente-se culpada pelo ocorrido. A criança que esperava carinho e cuidado do adulto passa a apresentar os efeitos do traumático vivido, como pudemos perceber no caso apresentado: o silenciamento, entre outros.

Quando pensamos no corpo de Ana Sofia, marcado pela violência, também pensamos em uma geracionalidade não apenas familiar, mas também cultural, pois se trata de uma estrutura que afeta mulheres negras desde a infância. A visão social e histórica de hipersexualização construída sobre o corpo das mulheres negras passa a afetá-las desde muito cedo, o que contribui para a desumanização e a violação de seus direitos. Como exemplo dessa construção social temos a *mulata*, figura esta de grande relevância para pensarmos sobre a violência sexual a qual as mulheres negras estão submetidas.

[...] o termo 'mulata' implica a forma mais sofisticada de reificação: ela é nomeada 'produto de exportação', ou seja, objeto a ser consumido pelos turistas e pelos burgueses nacionais. Temos aqui a enganosa oferta de um pseudomercado de trabalho que funciona como um funil e que, em última instância, determina um alto grau de alienação. Esse tipo de exploração sexual da mulher negra se articula a todo um processo de distorção, folclorização e comercialização da cultura negra brasileira.¹⁵

Como assinalado por Lélia González, temos um laço social sedimentado em torno de relações sociais hierárquicas, que identificam o ideal branco como universal. Assim, o racismo está intimamente ligado a situações de desgosto, dor e angústia pelo próprio corpo, pois este marca o psiquismo da pessoa negra. Souza¹⁶ afirma que o racismo é uma perseguição ao corpo, que torna a vítima um observador e vigia do próprio corpo, pois se faz necessário criar oposição, estar alerta à construção de identidade da pessoa branca, à qual se foi coagido a desejar em anos de história e racismo, o que lhe causa ódio ao corpo negro. "É a autoridade da estética branca quem define o belo e sua contraparte, o feio, nessa nossa sociedade classista, onde

¹⁵ GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 44.

¹⁶ SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.



os lugares de poder e tomada de decisões são ocupados hegemonicamente por brancos.”¹⁷

Racismo é um sistema de opressão estruturante das sociedades. Por meio da criação de uma hierarquia entre os grupos raciais, estabelece privilégios políticos, econômicos, sociais e simbólicos para um grupo em prejuízo dos demais. Pode também ser definido como um sistema ideológico de hegemonia racial. Preconceito racial é uma opinião ou julgamento negativo previamente concebido a respeito de um determinado grupo racial, podendo ou não resultar em discriminação. Discriminação racial é a materialização do racismo e do preconceito racial por meio de ação pessoal ou coletiva e de ações administrativas ou institucionais.¹⁸

Para Fanon¹⁹, existe uma organização de dados que, lenta e sutilmente, através de obras literárias, jornais, livros, cartazes, cinema, rádio e instituições de ensino, acomodam-se no indivíduo, constituindo sua visão de mundo e de sociedade no qual está inserido. Dessa forma, podemos pensar também nos obstáculos que dificultam a criação de um vínculo desse indivíduo e de sua família com as instituições públicas de saúde e de assistência social, tendo em vista que o racismo estrutural cria, de forma impositiva, nos sujeitos negros, um medo histórico e cultural de instituições.

De acordo com o *Guia de reconhecimento, orientações e enfrentamento ao racismo*²⁰, o racismo institucional coloca pessoas de grupos raciais e étnicos discriminados em posição de desvantagem em relação aos benefícios fornecidos pelo Estado e demais instituições, organizações e grupos. Trata-se de uma estrutura – social, econômica e cultural – perversa, que mantém esses sujeitos nas margens da sociedade e em situação de risco.

Trata-se de uma estrutura social que afeta a população negra e indígena desde a mais tenra infância e constrói bases sólidas de racismo e discriminação

¹⁷ SOUZA, 1983, p. 29.

¹⁸ COELHO, A. *et al.* **Guia de reconhecimento, orientações e enfrentamento ao racismo**. Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2020. p. 8.

¹⁹ FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

²⁰ COELHO *et al.*, 2020.



étnica, instaurando muros simbólicos que separam esses sujeitos das instituições que deveriam lhes fornecer seus direitos e amparo. Almeida²¹ afirma que o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas que se trata do resultado do funcionamento das instituições, que se organizam em uma dinâmica que confere desvantagens baseadas na raça. Dessa forma, o racismo institucional mantém ativo mecanismos de conflito racial, perpetuando a desigualdade e tornando-a parte da sociedade. Sendo assim, não se trata da ação de grupos ou indivíduos racistas, mas da hegemonização de instituições que impõem seus interesses políticos e econômicos, o que determina qual parte da população será mais propensa a sofrer violências, a não ter acesso à educação, segurança e qualidade de vida.

METODOLOGIA

A metodologia empregada neste estudo foi o método de pesquisa psicanalítica, no qual a pesquisa teórica se baseia em uma narrativa ficcional, inspirada em um caso acompanhado por duas das autoras do trabalho. Desde os tempos de Freud, a psicanálise tem utilizado elementos culturais para embasar suas proposições teóricas. Portanto, a psicanálise, ao investigar casos individuais, concentra-se na singularidade, naquilo que é intransmissível e incomparável, abordando cada caso de forma única e específica²².

A pesquisa em psicanálise estuda e compartilha descobertas relevantes sobre cultura e fenômenos sociais, buscando compreender como esses aspectos influenciam o indivíduo e sua psique. Segundo Rosa²³, Freud, ao longo de sua obra, frequentemente incorporou questões sociais em sua teoria, reafirmando a recusa em separar o indivíduo da sociedade. Ele enfatizou a relação intrínseca entre estes,

²¹ ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

²² CANAVÊZ, Fernanda; VERZTMAN, Julio Sergio. Somos capazes de escutar os desmentidos sociais? **Revista de Psicologia**, [S.l.], v. 8, p. 1-21, 2021.

²³ ROSA, Miriam Debieux. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2018.



destacando como as dinâmicas sociais e culturais desempenham um papel fundamental na formação da psique e no desenvolvimento humano. Portanto, Freud reconheceu a ligação entre o indivíduo e a sociedade, em vez de opor um ao outro.

Rosa²⁴ nomeia a psicanálise, chamada por Freud de “psicanálise aplicada”, como psicanálise extramuros ou em extensão. Esta refere-se a uma abordagem que utiliza os princípios éticos e as teorias da psicanálise para investigar questões que envolvem a prática psicanalítica além do contexto clínico individual. Nesse enfoque, a psicanálise explora como o sujeito se relaciona com os fenômenos sociais e políticos, não se restringindo apenas à dinâmica do tratamento psicanalítico. Podemos considerar que esse tipo de pesquisa em psicanálise, iniciado por Freud, abre um campo que tem sido palco de diversas discussões e desafios ao longo do tempo.

Além disso, é importante destacar que consideramos como objetivo político deste texto a contribuição para evitar que o traumático seja esquecido ou negado, o que representa um ato de resistência contra a repetição dos horrores que continuam acontecendo. Essa questão também endossa a criação de narrativas, que, embora sejam difíceis e essenciais ao mesmo tempo, procuram dar voz à memória traumática. Essas narrativas e a literatura de testemunho desempenham um papel crucial na tentativa de expressar o indizível²⁵.

CONCLUSÃO

A violência sexual contra mulheres deixa várias marcas, que podem interferir na sua posição subjetiva no mundo, e se tornar um estigma que será carregado, influenciando como os outros sujeitos entendem e tratam as mulheres. Podemos observar que em textos mais antigos, como os de Giffin²⁶, falava-se que mulheres vítimas de violência poderiam permanecer na posição de vítimas, como sendo uma

²⁴ ROSA, Miriam Debieux. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Subjetividades**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 329-348, 2004.

²⁵ GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.

²⁶ GIFFIN, 1994.



consequência por serem mulheres e estarem sujeitas às violências do patriarcado. No entanto, atualmente se questiona a ideia da utilização da palavra “vítima” para designar uma mulher que tenha passado por episódios de violência, exatamente para não condicionar a sua posição e o olhar do outro. Para tanto, autoras como Penna²⁷ afirmam que para que a posição de vítimas, na qual as mulheres que sofreram violência ficam condicionadas (pelo Estado, pela cultura, pela família) seja modificada, é necessário que ela seja capaz de se posicionar como sujeito de direitos, se repositando nas suas narrativas. Mantendo-se como ser falante do que lhe acomete, de suas dores.

Sendo assim, pode-se questionar quais as condições que as mulheres possuem para se posicionar como sujeitos, tendo em vista que terão que assumir uma posição contrária à imposta socialmente e culturalmente e que será propagada pelas instituições, como ocorreu com Ana Sofia, sendo reconhecida como vítima na escola, na UBS e pela sua família. De acordo com uma análise de Beauvoir²⁸, a condição feminina encontra dificuldade em se posicionar como sujeito, pois desde a mais tenra idade é condicionada pela sociedade a se posicionar como sendo o “outro”, ou seja, o inverso do homem, ou aquele que responde ao comportamento do homem, não se construindo, assim, como um sujeito de subjetividades, mas como um objeto que representa o desejo do outro e que corresponde às necessidades do homem, dessa forma se afastando da sua própria identidade.

Como é sabido, a violência sexual contra crianças e adolescentes pode deixar marcas severas na vida psíquica. E neste trabalho buscamos levantar tais questões a partir do recorte apresentado. E podemos concluir o quão violenta é esta realidade, que deixa marcas como a do silenciamento, da impossibilidade de elaboração diante de um horror. O caso aqui compartilhado apresenta a possibilidade de pensarmos a posição de objetificação e posse do corpo feminino/infantil, que também denuncia a

²⁷ PENNA, Paula Dias M. **A mulher em situação de violência doméstica: um diálogo entre a psicanálise e o direito**. Curitiba: Juruá, 2019.

²⁸ BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo** [1949]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.



falha, deixa um buraco em face de uma sociedade hegemônica, centrada no patriarcado e na branquitude. Sociedade que faz vítimas, e vítimas que devem ficar caladas. Fazer ecoar essa discussão, sem dúvida é uma forma de possibilitar que muitas Anas possam seguir falando.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo** [1949]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

CALAZAN, Roberto; BASTOS, Angélica. Passagem ao ato e *acting-out*: duas respostas subjetivas. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 22, n. 2, p. 245-256, ago. 2010.

CANAVÊZ, Fernanda; VERZTMAN, Julio Sergio. Somos capazes de escutar os desmentidos sociais? **Revista de Psicologia**, [S.l.], v. 8, p. 1-21, 2021.

COELHO, A. *et al.* **Guia de reconhecimento, orientações e enfrentamento ao racismo**. Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2020.

CROMBERG, Renata Udler. Violência, pedofilia, incesto: o mal-estar na atualidade. *In*: FRANÇA, Cassandra Pereira (org.). **Perversão: as engrenagens da violência sexual infanto-juvenil**. Rio de Janeiro: Imago, 2010. p. 25-38.

DE CONTI, Luciane *et al.* Situações de violência doméstica e sexual. *In*: TEIXEIRA, Leonia Cavalcante *et al.* (org.). **Destinos trágicos: efeitos da violência doméstica para as filhas e os filhos**. Curitiba: CRV, 2023. p. 63-80.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERENCZI, Sándor. Confusão de língua entre os adultos e a criança [1933]. *In*: FERENCZI, S. **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 111-121.

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e a análise do ego [1921]. *In*: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 18 v. p. 89-179.

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE
GÊNERO E RELIGIÃO
LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.

GIFFIN, Karen. Violência de gênero, sexualidade e saúde. **Cadernos de saúde pública**, Rio de Janeiro, v. 10, supl. 1, p. 146-155, 1994.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

KAES, René. Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. *In*: EIGUER, Alberto *et al.* (org.). **A transmissão do psiquismo entre gerações**: enfoque em terapia familiar psicanalítica. São Paulo: Unimarco Editora, 1998. p. 5-19.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise [1953]. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 238-324.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 10**: a angústia [1962-1963]. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

PENNA, Paula Dias M. **A mulher em situação de violência doméstica**: um diálogo entre a psicanálise e o direito. Curitiba: Juruá, 2019.

ROSA, Miriam Debieux. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2018.

ROSA, Miriam Debieux. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Subjetividades**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 329-348, 2004.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.